

Zulmira, Zulmira

Por Tanira Lebedeff*

Como se a câmera fosse a Lua girando ao redor da Terra, e a atriz o próprio planeta girando em torno do seu eixo, Leon Hirszman traduz com o banho de chuva de Zulmira a grande tarefa do cinema: a busca de uma linguagem própria. A mais bela seqüência de *A FALECIDA* dispensa rubricas que se revezam com cenas no cinema mudo, ou uma voz em off que a descreva.

Uma câmera dinâmica que explora e fragmenta espaços cumpre o papel de narrador, emprestando seu ponto de vista ao espectador. Travelling, zoom, planos abertos ou fechados, panorâmicas... Quem está na poltrona não precisa estudar o dicionário dos cineastas, e nem percebe que o que vê na tela não passa de uma sucessão de planos. Cem anos depois do nascimento do cinema, temos em cena um espectador educado, e uma câmera - a narradora da história - bem disfarçada.

Em *A PERSONAGEM FICÇÃO*, Antônio Cândido define o cinema como uma mistura de teatro com literatura. Num as personagens são encarnadas por atores, no outro elas ganham mobilidade no tempo e no espaço (que a tal liberdade de visualização reforça), e é tudo isso que o cinema tem. Mais fácil então, para Zulmira, estar nas telas que nos palcos. No cinema ou na literatura a personagem pode ficar minutos, páginas calada. O narrador - a câmera - se encarrega de conduzir a história através das palavras, das imagens. No teatro o ator, a atriz são o centro.

Ao transformar palavras em imagens, o roteirista dá à personagem uma coleção de elementos que ajudam o espectador a desvendar sua história. O tal banho de chuva de Zulmira não está na peça de Nelson Rodrigues. Mas transformou em poesia o filme de Leon Hirszman. Invadimos o mundo dos nossos heróis e vilões conduzidos pelo olho da câmera. Se a obra é "aberta", como defende Umberto Eco, ou se deve produzir efeitos, como ensina Allan Poe, para mim a dança de Fernanda Montenegro sob a chuva é uma maneira de antecipar a morte para Zulmira. É a linguagem que o cinema vem perseguindo há um século promovendo a aproximação entre o espectador e a personagem.

Essa aproximação - receita para que o roteiro funcione - é ainda maior quando a personagem atinge uma "validade universal", quando seu desenho tem traços próximos aos nossos, a verossimilhança pregada por Aristóteles. Zulmira é uma mulher que leva uma vida medíocre, num subúrbio do Rio de Janeiro. O marido, desempregado, está mais preocupado com a decisão do campeonato carioca de futebol. Entediada com a

indiferença de Tuninho e com uma vida sem perspectiva - nem o que a cartomante vê no baralho é muito animador - Zulmira quer uma morte prematura, seguida por um enterro luxuoso.

Tempo e espaço não separam a Zulmira da capital carioca dos anos 60 das Zulmiras de qualquer outro canto do Brasil, em qualquer época. A mulher que quer fugir do cotidiano absurdamente monótono é personagem habitual das nossas crônicas. Parece seguir a fórmula de Aristóteles: uma criatura literária, ficcional, concebida a partir de elementos do real.

Como lembra Beth Brait em *A PERSONAGEM*, enquanto Aristóteles aposta na verossimilhança, o poeta latino Horácio define essas criaturas não apenas como imitações dos seres vivos, mas como modelos recheados de virtudes a quem queremos imitar. As personagens eternizadas pelas letras, nos palcos, nas telas, são melhores, mais perfeitas que nós, simples mortais.

Zulmira pode ser Aristóteles, mas também é Horácio! Antes de acompanhar a tão perseguida morte, Zulmira pede ao marido que procure Pimentel - que vai pagar o enterro luxuoso que ela mesma contratou. A narrativa até aqui não tem conflitos, e surpreende. Zulmira surpreende. Dividimos com Tuninho a perplexidade ao sabermos que a tão comum Zulmira teve um amante, o Pimentel. Dono de uma frota de táxis e lotações Pimentel tem o dinheiro que Tuninho não tem para fazer o último agrado, o enterro de luxo.

Um Tuninho pasmo num Maracanã lotado não consegue mais torcer pelo Vasco - Zulmira conseguiu nos enganar, fugiu da vida como queria, é um tanto mais ousada que tantas Zulmiras que habitam nosso cotidiano. Isso porque, repetindo Antônio Cândido, Zulmira mora no reino do possível - a ficção, um lugar privilegiado onde vivemos através das personagens. Se a palavra tem origem latina - de persona, máscara - digo que a personagem é uma fantasia que tomamos emprestada para passar nesse reino.

Encontramos nesses seres fantásticos um pouco do que somos, um pouco do que queríamos ser. E na viagem de volta, depois do "fim", nosso roteiro particular fica mais interessante.

*Jornalista e Aluna do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da FAMECOS/PUCRS.